

Belliniha.

Ab. Escragnolle Doria

Era tão feia a coitada! Uma ironia o seu nome, a não ser que a gente o tome em aceção figurada. Porque, apesar do seu rosto de traços toscos e rudes, era sua alma um compo-
posto das mais graciosas virtudes.

Como que a pobre requia da desventura no rosto: nem pai nem mãe parouca, somente irmãos e o padrao.

A mãe, que cedo enviduara; casou-se; do novo enlace teve outros filhos. Qual seara que foice ignorava ceifarre para a colheita da merre, quiz a sorte mysteriosa que, pra'a que um filho viverre, morrerre a mãe desditosa. A sua irmã uterina, Clara, já então moça feita, era a antithese perfeita da norra modesta heroína. Tinha a tez rosco-marena, uns labios cor de guará, olhos negros, não pequena; bonita, enfim, porém má.

Tinha bem amores esta, e suria calidas phrases de diferentes rapazes no curso da

mesma festa.

Aquella a cabeça tonta, (chamava-lhe assim Bellinha), ás vezes perdia a conta dos namorados que tinha.

Em torno á sua bella e gyriavam corações doudos, que ella dava corda a todos com muita insidia e dextreza.

Tal era a vida de Clara: feliz e risonha vida! Como que a sorte a fadava pra' a rer de todos querida.

Belliniha, porém, vivia immera em funda tristezza. Foi machucada a natureza para conmigo! dizia.

Nenhum olhar tenro e cheio das sutilezas do amor havia adquirido o reio daquella misera flor.

Carim medrava no obvido a sua existencia ingrata, como um lago ennegrecido que o arul do céu não retrata.

Barro chegava á janella; á sua pouco rapia, que a cara na ausencia della num cahos se transformaria.

Enclava com tanto afincador seus labores caseiros, que desde a sala dos carteiros tudo estava que era um bünco,

apenas das traquinadas dos seus
tres irmãos pequenos, tres dia-
bretes morenos, tres creaturas le-
vaçadas!

Perto o seu olhar pairava pro-
videncial sobre tudo, e ainda o
tempo lhe sobrava para entre-
gar-se ao estudo.

Levara dias seguidos a pre-
parar com afan bellas e ricos
vestidos para a trejeza da irmã.

Vinha um gosto excepcional
para os trabalhos de agulha e
n'alma a ardente fagulha da
inspiração musical.

Mas o tempo, anno por
anno, corria, lento e tiritando,
sem ella realisar o sonho de
possuir um piano.

Comquanto rico, o padraento
um tal desejo burlava: para
que fazer tal gosto, si a
filha nada tocava?

Um dia a Clara casou (e
fez um casamento!), e a
nova amiga deixou na mãe
atroz solidão. A' casa ninguém
mais vinha, e semanas e se-
manas passavam sem que á
Bellinha chegassem novas mun-
danas. O seu antigo desgosto re-
dobrou de intensidade e foi-
lhe tomando o rosto tão branco

como abaiade. Operar, que a
torturava, causou-lhe rugas na
face, onde jámais passara
um sorriso e mais fugace. Liv-
cundavam-lhe os profundos
olhos cheios de quebranto e
negros circulos fundos - abess da
caudal do pranto.

Seu mortal abatimento fez o
padrasto temer que ella fosse
a perecer de um para outro
momento.

O seu egotismo de humano sen-
tiu-se um pouco vergar, e
elle, para a consolar, comprou-
lhe, um dia, um piano.

(Quem sabe si com isso
elle não quiz evitar que lhe
vierre a faltar tal machina
de serviço?)

Quando a pobre viu na
sala o negro Erard espelhan-
te, com seu teclado abezan-
te, quiz falar... não teve
fala!

Mas, num transporte in-
finito, curvou-se sobre o
instrumento, que saltou fun-
do lamento... Curvou-se um
pungente grito.

Quando aquelle corpo
escarque foi para a cama le-

vado, viu-se o alvissimo te-
clado todo manchado de sangue.

Ca destituta Bellinha,
tres dias depois, si tanto, lá-
ia, eu louva tardinha, em
rumo do Campo Santo.